

**UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE OS IMPACTOS SÓCIO- AMBIENTAIS
CAUSADOS PELO COMPLEXO DE FÁBRICAS NA CIDADE DE
TRÊS LAGOAS/MS.¹**

Andressa Mariély Moreira Donadoni Rosa

UFMS/CPTL/GENTE

andressadonadoni@hotmail.com

Regiane Aparecida Costa Andrade

UFMS/CPTL/GENTE

regianedandrade@hotmail.com

Nayara Sobrinho Lameu

UFMS/CPTL/GENTE

nayara_lameu@hotmail.com

Introdução

A incompatibilidade entre o progresso e o meio ambiente, estabelecida entre as relações de produções capitalistas, tem levado à temática ambiental para a centralidade das discussões. No município de Três Lagoas/MS, esse tipo de discussão tornou-se expressiva com a instalação de duas grandes multinacionais, uma fabricante de papel e outra de celulose, no ano de 2007. (AGEFLOR, 2008). Considerando que historicamente a produção de papel e de celulose tem grande potencial poluidor, algumas indagações sobre até que ponto os impactos proclamados sobre as estruturas econômicas compensaram os prejuízos causados ao meio ambiente e à população passaram a permear o cotidiano dos moradores durante o processo implantação dos empreendimentos.

A chegada das fábricas de papel e de celulose implicou em mudanças na estrutura econômica e social do município, mudanças essas que precisam ser contextualizadas e compreendidas dentro de uma perspectiva crítica e abrangente, a fim de evidenciar as

¹ Esse trabalho é fruto de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos Nucleados Trabalho e Educação – GENTE. O GENTE foi constituído em 2007 na UFMS/CPTL e estuda as estratégias de qualificação dos trabalhadores para a chegada no novo complexo de fábricas em Três Lagoas/MS.

intenções ocultas que permeiam a aparência desse fenômeno. Por outro lado, as fábricas propuseram programas de educação ambiental voltados para as escolas e à comunidade em geral.

Este trabalho tem como objetivo levantar e interpretar dados de indicadores sócio-ambientais provenientes das interferências advindas da implantação e operação das fábricas de papel e de celulose, que afetam o meio ambiente e a vida econômica e social do município de Três Lagoas/MS e que devem ser considerados para a elaboração de programas com o tema da educação ambiental.

1. Redentora, reprodutora e transformadora: tendências educacionais no contexto da sociedade.

A existência de uma sociedade sob a égide do capital torna indispensável à compreensão da educação na e para a sociedade. Segundo Carlos Cipriano Luckesi (1992), são três as tendências filosóficas-políticas para que se possa compreender a educação, as quais se instituíram ao longo da prática educacional: a educação como redenção, como reprodução e como um meio de transformação da sociedade.

A primeira, com caráter redentor acrítico, tem por objetivo a conservação da sociedade. Essa tendência visa à recuperação da harmonia que foi se perdendo ao longo da vida, assim como afirmava Comênio (1992, apud *ibid.*). Cabe então investir na educação para gerações mais novas, para formar tanto as suas mentes como as suas ações, adaptando-as ao ideal de sociedade.

Nesse contexto, a educação é uma instância à parte da sociedade, pois em vez de receber as intervenções da sociedade, é ela que intervém nos destinos do todo social. Acredita-se nesta posição, que a educação tem poderes quase que absolutos sobre a sociedade.

Já a segunda, de caráter reprodutor, tende visualizar a educação como uma instância dentro da sociedade, na qual simplesmente a reproduz. Segundo Luckesi (*op. cit.*), essa tendência é crítica na medida em que limita a educação em seus próprios condicionamentos, porém, é reprodutora, não percebendo espaço para contradições e disputas em seu interior.

A tendência reprodutora não situa um modo de agir para a educação e nem como esta deve atuar, mas analisa como age a educação dentro da sociedade, portanto, a escola é

um aparelho instituído pela própria sociedade visando somente à reprodução e manutenção do sistema social vigente.

Ao contrário das tendências anteriores, a terceira propõe desvendar e utilizar-se das próprias contradições da sociedade, para trabalhar pela sua transformação. Desta forma, a educação como transformação crítica tem por objetivo compreender a educação dentro da sociedade com todos os seus determinantes e condicionantes postos, mas com o intuito de sempre trabalhar pela sua democratização. (ibid.).

Assim sendo, esta última tendência não nega a função ativa que a educação representa para a sociedade, nem tampouco recusa reconhecer os seus condicionantes sociais, políticos e econômicos, mas pretende agir a partir destes, não cedendo desta forma ao superficial.

Diante do exposto e articulando com o objeto de investigação, pode-se problematizar em que tendência se enquadrariam os programas ambientais promovidos pelas fábricas. Neste trabalho, focar-se-á um importante parâmetro para desenvolver futura análise neste sentido. Trata-se das mudanças contemporâneas no mundo do trabalho, suas articulações com o meio ambiente e os principais indicadores de modificação sócio-econômica pela qual a cidade de Três Lagoas vem passando.

2. Mudanças conjunturais e estruturais do sistema capitalista

Para que se possa compreender a relação predatória com que o homem trata a natureza e se apropria dos recursos naturais, tornando-os privados para utilização econômica, é necessário que se tenha uma visão do sistema capitalista como um todo. É necessária uma visão mais ampla da sua gênese estrutural, de sua origem e de sua expansão no século XXI, para então partir para um conhecimento aprofundado sobre gravidade da crise ambiental.

Segundo Gaudêncio Frigotto (2003), o sistema capitalista é caracterizado por crises cíclicas, as quais assumem formas específicas que variam de intensidade no tempo e no espaço. A dominação do capital e a exploração do trabalho é o que ocasiona crises periódicas, sustentando, desta forma, o caráter contraditório do capitalismo. É no quadro da compreensão da crise que podemos enfrentar as questões básicas como a centralidade do trabalho na vida humana.

O modo de produção capitalista visa uma sociedade que produz para produzir, de modo que só interessa produzir bens para o consumo. Trata-se de um sistema que conduz à

acumulação, à concentração e à centralização do capital, tendo em vista a concorrência sob forças e poder desiguais. A tendência é produzir elevado grau de mercadorias que condensem o máximo de mais valia. Para isso, é necessário aumentar o capital morto e diminuir o capital vivo, obtendo assim mercadorias ao menor custo, reproduzindo a força de trabalho e excluindo a concorrência intercapitalista e a força de trabalho excedente. (ibid.).

Alberto Tosi Rodrigues (2007) mostra que o capitalismo passou por uma série de crises que culminaram na histórica crise de 1929, caracterizada por uma crise de superprodução. Com isso, deflagrou-se uma crise responsável pelo desemprego de milhões de pessoas, no qual se alastrou a miséria e a criminalidade, que se espalhou dos EUA para o mundo todo.

Desta forma, o sistema capitalista enfrenta de forma global crises violentas e colapsos que advêm do caráter contraditório do modo capitalista de produção. As crises de 1929, 1970 e 1990 elucidaram estas erupções violentas, assim, o que diferencia uma crise da outra é o caráter específico que cada crise carrega consigo.

Após a segunda guerra mundial, os Estados capitalistas passaram a adotar um mecanismo de intervenção que visavam regular a economia, o chamado Keynesianismo. Esse garantia os direitos sociais adquiridos tais como educação, proteção ao trabalhador, garantia de pleno emprego e saúde pública, configurando um Estado de bem-estar social, o *Welfare State*. (ibid.).

A forma de organização do trabalho inicialmente predominante era o chamado taylorismo. Segundo Luzia Rago e Eduardo Moreira (1984), esse foi um dos caminhos que a burguesia constituiu sua dominação sobre a classe trabalhadora e sobre toda a sociedade.

Esse modelo é devido ao conjunto de estudos desenvolvidos por Frederick Winslow Taylor, que ficou conhecido como “*pai da organização científica do trabalho*” (ibid. p.14-15). Ele acreditava que o processo de produção era cada vez mais difícil e não deveria ser deixado nas mãos dos próprios trabalhadores, pois como dizia, “*os trabalhadores procuravam sempre retardar o ritmo do trabalho*” (ibid., p.16).

Com isso, Taylor criou um método cuja capacidade era de racionalizar a produção, isto é, evitar a perda de tempo e desperdícios de produção, possibilitando assim o acréscimo da produtividade do trabalho. Logo, esse novo modelo de produção assegurou o controle do tempo do trabalhador pela classe dominante. (ibid.).

Anos mais tarde, segundo Thomas Gounet (1999), Ford adaptou o método taylorista à sua indústria, sendo assim, designado de fordismo. O fordismo era nada mais

que a diminuição da quantidade de horas do trabalhador e como recompensa pelo seu trabalho houve o aumento do seu salário. Esse método pode até parecer bom ao trabalhador, porém, não passava de uma mera ilusão. Henry Ford não estava preocupado em diminuir a super-exploração do trabalhador, mas sim em dar aos mesmos renda e tempo para que consumissem os produtos produzidos em massa. (HARVEY, 2000).

O fordismo para Gounet (op.cit.) passou por cinco transformações principais: a racionalização das operações efetuadas pelos trabalhadores, o trabalho repetitivo e fragmentado, a criação de uma linha (esteira rolante), a integração vertical e, por último, a automatização das fábricas de Ford.

Segundo Ricardo Antunes (op. cit.) esse processo produtivo caracterizava-se pela mescla da produção em série fordista com o cronômetro taylorista, além de uma vigência de uma separação nítida entre elaboração e execução e simplesmente a atividade de trabalho reduzia-se a uma ação mecânica e repetitiva.

O binômio taylorismo/fordismo, expressão dominante do sistema produtivo, estruturou-se com base no trabalho parcelar e fragmentado, no qual visava racionalizar ao máximo as operações realizadas pelos trabalhadores, combatendo qualquer desperdício, reduzindo o tempo e aumentando o ritmo de trabalho. (ibid.).

Porém, esse método foi muito mais complicado do que se aparentava, os trabalhadores preferiam o método fordista, pois o primeiro não desqualificava tanto como o segundo. E é nesse momento que Ford conquistou os trabalhadores pelo o aumento do salário e pela diminuição de horas trabalho, com algumas restrições, isto é, não beber, não ser mulher, dirigir seu dinheiro à família. (ibid.).

Esse processo produtivo se expandiu por toda indústria automobilística, implantando uma produção em massa executada por operários semiquilificados, o que originou o desenvolvimento do operário-massa. A fusão da organização científica taylorista com o fordismo proporcionou a forma mais avançada da racionalização capitalista do processo de trabalho. Assim, o fordismo virou uma epidemia que passou a ser mundial, o que ocasionou cada vez mais a competição, originando, desta forma, o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista. (ibid.)

A partir dos anos 1970 o capitalismo entrou em crise porque, segundo Ricardo Antunes (1999), procurou enfrentá-la na sua superfície, na sua dimensão fenomênica e não na sua essência. O início dos anos 70 foi marcado pelo começo de um quadro crítico, porém “*A denominada crise do fordismo e do keynesianismo era a expressão fenomênica de um quadro crítico mais complexo.*” (ibid. p.31).

Para Maria Rosa Lombardi (1997), foi nesse contexto que começaram a surgir, como alternativa à crise, indícios de um novo regime de produção capitalista estendendo as bases para uma acumulação de maior proporção, em escala global. Desta forma, O Japonês Taiichi Ohno criou o chamado toyotismo. A intenção não era fazer cópia do fordismo, mas sim inventar um método adequado à situação do país (GOUNET, op.cit.).

Com relação a isso, José Rodrigues (1998) mostra que da mesma forma que o padrão de acumulação fordista se apoiou em um pilar organizacional, isto é, o taylorismo, o novo padrão de acumulação também se sustentou em uma nova gestão e em um novo padrão tecnológico, ou seja, a flexibilidade.

Segundo Giovanni Alves (2000), foi nos anos 80 que o toyotismo obteve um poder ideológico, passando a representar o período predominante do complexo de reestruturação produtiva:

Tal como o taylorismo e o fordismo, o objetivo supremo do toyotismo - ou da “produção enxuta” - continua sendo incrementar a acumulação do capital, por meio do incremento da produtividade do trabalho. [...] Cabe a ele - o toyotismo - articular, na nova etapa da mundialização do capital, uma operação de novo tipo de captura da subjetividade operária. (p.36, aspas no original).

Para Marise Nogueira Ramos (2001), essa captura da subjetividade operária requer que o operário resolva os problemas da empresa através do seu saber, do seu saber fazer e do seu saber ser. Assim, o trabalhador não irá apertar somente parafusos como no taylorismo/fordismo, mas sim gerenciará produções e equipes. Esses conceitos se enquadrariam melhor nas assim chamadas competências, ou seja, em sua dimensão conceitual, procedimental e atitudinal.

O sistema de competências recobre a contradição existente entre organização empresarial e os saberes do trabalhador, pois, o conteúdo da competência traduz a concepção segundo a qual os trabalhadores possuem não necessariamente conhecimentos úteis ao trabalho, mas comportamentos úteis à empresa. Deste modo, não se deve esquecer que o modelo das competências exigidas pelo capital não poderá existir se não estiver ligado ao sistema capitalista e ao novo padrão de acumulação flexível, o toyotismo. (ibid.).

A reestruturação produtiva pretende instalar uma nova maneira de gerenciar a crise do capital, tendo como resultado a acumulação de capital e o empobrecimento da classe trabalhadora. (ALVES, op. cit.). No modelo toyotista, tem-se o operário polivalente, o trabalho é realizado em equipe, há flexibilidade especialmente na jornada de trabalho e, em

nível máximo. A produção é puxada pela demanda e o crescimento pelo fluxo. (GOUNET, op.cit).

Assim, a qualificação de um indivíduo é sua capacidade de resolver rapidamente os problemas concretos, mais ou menos complexos, que surgem no exercício de sua atividade profissional. O exercício dessa capacidade implicaria no uso de competências adquiridas ou construídas mediante aprendizagem da vida, tanto no âmbito do trabalho, como também fora dele. (ibid.).

É considerado como nexos essenciais da série de protocolos organizacionais do toyotismo a automação/auto-ativação, Just-in-time/kanban e a polivalência operária. O Just-in-time/Kanban são uns dispositivos organizacionais mais conhecidos do toyotismo, no qual requer possibilidade de entrega mais rápida e de peças necessárias para repor os estoques. (ALVES, op.cit.).

Esse modelo japonês de organização do trabalho segundo Marília Menezes Freitas de Campos (2000) traz como consequência modificações no mundo do trabalho. Assim como os outros modelos de acumulação no capitalismo, o toyotismo também gera a superprodução, tendo como resultado o desemprego e a precarização do trabalho.

Pensava-se que o único modo de sair dessas crises era cortar os benefícios sociais controlados pelo Estado. Com isso, tem-se um novo ajuste estatal, pois este parou de assumir tantas funções, deixando de intervir nas empresas privadas e sobre o mercado. E foi no governo de Margareth Thatcher que a nova fase liberal do capitalismo se instalou: o chamado neoliberalismo. (RODRIGUES, op.cit.).

Assim, as idéias neoliberais passaram a ganhar terreno, a idéia era conservar um Estado forte, com uma capacidade de romper com o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas diminuir todos os gastos sociais e ser poupado nas intervenções econômicas. (ANDERSON, 1995).

Entre os anos de 1970 a 1990 o mundo presenciou intensas modificações. Em um momento o Estado se caracterizou como um *Welfare State*, no qual tentava garantir os direitos dos trabalhadores, contribuindo com a educação, saúde, transporte e, em outro momento, o neoliberalismo se propagou indo contra ao *Welfare State*, passando assim a se privatizar, evitando os custos e cortando todos os gastos.

Segundo Gaudêncio Frigotto (op. cit.) a desigualdade é fundamental para a eficiência e produtividade capitalista. Deste modo, a classe trabalhadora enfrenta as piores condições, como o desemprego e a precarização do trabalho.

Têm-se então de modo resumido as mudanças contínuas no qual o capitalismo se encontrou nesses últimos séculos. Buscou-se compreender as mudanças no mundo do trabalho, visto que é indispensável à discussão deste para o próximo passo deste trabalho, ou seja, a apresentação da crise ambiental.

3. A relação contraditória entre desenvolvimento e meio ambiente

Na atual fase do capitalismo mundializado, a relação progresso e meio ambiente apresenta-se como um dos maiores desafios colocados ao homem neste início de século XXI. O planeta já bastante comprometido com o uso intensivo dos recursos naturais, há tempos vem dando sinais de exaustão que não podem mais ser negligenciados. Com o crescimento acelerado das indústrias, da urbanização e com o modo de produção capitalista, a natureza passou a não ser mais aquela natureza primitiva, rica em recursos naturais e não demorou muito para que o mundo todo notasse.

Avaliando esse processo, Trein (2007) considera as políticas neoliberais como responsáveis por retirarem dos Estados a capacidade de regular a relação capital-trabalho, e por aumentar o passivo ambiental.

Essa lógica destrutiva do sistema em relação ao meio ambiente já era sentida por Marx, segundo Loureiro (2007) mesmo tendo vivido em um contexto em que a possibilidade do esgotamento da base vital era inimaginável em escala global, tendo em vista a dinâmica do capitalismo.

Alexandre Reinaldo Protásio (2008) mostra que Marx em seu tempo histórico também estava preocupado com a situação das cidades, dos campos e das florestas e que sua análise da realidade ambiental era global e dialética. Apesar de Marx não utilizar o conceito de ambiente em suas obras, ele contribuiu de forma significativa nesse campo.

Deste modo, várias foram as denúncias contra Marx pela falta de preocupação ligada a crise ecológica, entretanto John Bellamy Foster destaca que, desde o princípio, a noção de Marx sobre o conceito da alienação do trabalho humano sempre esteve atrelada a uma compreensão da alienação dos seres humanos em relação à natureza.

Para Marx, o movimento de vir a ser a natureza está objetivado por meio *da práxis num processo de estar no mundo, de agir no mundo, de ser o mundo, transformando-se e transformando-o.* (LOUREIRO, op. cit. p. 42). Logo, entender a mútua relação entre sujeito-objeto na unidade da natureza torna-se indispensável para a compreensão da crise ecológica mundial.

Todavia, a idéia de natureza é a referência que permite pensar o quanto é minguado o entendimento de que o homem é o único sujeito, de modo que ao mesmo tempo é impossível definir a crise ecológica sem mencionarmos a palavra-chave, isto é, o capitalismo.

Como demonstra Eunice Trein (op.cit.), os indivíduos estabelecem relações necessárias com a natureza e com os outros indivíduos, garantindo deste modo, sua sobrevivência e estas relações não se dão apenas pela produção de bens materiais como também pela construção de projetos que induzem na criação de regras de convivência. Assim, *cada sociedade, cada cultura, se vê diante do desafio de estabelecer o que produzir, para quem, para que e como produzir.* (ibid. p. 117).

Marx em seu tempo histórico analisava a relação homem-natureza que é histórica, social, cultural e econômica. Hoje, como mostra Trein (ibid.), diante da expansão capitalista a ampliação dos mercados consumidores e a produção de novas necessidades vêm convertendo mais e mais as forças produtivas em forças destrutivas.

Pedro Roberto Jacobi (2005) descreve que a discussão sobre a crise ambiental teve início com a Organização das Nações Unidas que promoveu a Conferência de Estocolmo, no qual se discutiu sobre a questão ambiental, tendo essa discussão se ampliado mais tarde na Rio-92. Nesta conferência, a ONU delineou os principais elementos que elegeu a discussão “*da escassez à sustentabilidade*” (MOLL, 1991, apud. ibid.).

O desenvolvimento sustentável, assim como descreve Aline Cristina Calçada de Oliveira (2008), é o modelo para satisfazer as necessidades do presente sem antes comprometer as gerações futuras. Assim, capitalismo atribui o conceito de desenvolvimento sustentável a uma mera experiência de ajustar novamente as sociedades ao modo de reprodução social, levando assim a humanidade à crise ecológica global. (LOUREIRO, 2005 apud ibid.).

Em pouco tempo, como mostra Gustavo da Costa Lima (2003) sustentabilidade tornou-se uma palavra mágica, pronunciada indistintamente por diferentes sujeitos, nos mais diversos contextos sociais e adotando diversos sentidos.

Lembremos aqui o quanto as pessoas se apropriam da natureza de modo distinto e, como mostra Protásio (op.cit., p.55-56):

O continente Africano é um exemplo assombroso dessa desigualdade socioambiental, pois vivem com menos de um dólar por dia, abriga dois terço dos portadores de HIV do mundo e são responsáveis por 1% do PIB (Produto Interno Bruto) mundial, enquanto que os EUA consomem metade dos recursos

ambientais do planeta e são responsáveis por ¼ da poluição atmosférica e mesmo assim o governo Bush recusou-se a assinar o Protocolo de Quioto, negando a participação na diminuição dos gases poluentes.

Como defende Carlos Frederico B. Loureiro (2006), é impossível querer mudar o pensamento sem antes mudar a realidade objetiva, a organização social, o que implica sermos capazes de situar teoricamente na prática, pela práxis, como um compromisso assumido de busca por uma ruptura com as relações sociais que definem o capitalismo.

A questão ecológica, na perspectiva de Michael Löwy (2005), é um grande desafio para uma renovação do pensamento marxista, pois esta exige dos marxistas uma ruptura radical com a ideologia do progresso linear e com o paradigma tecnológico e econômico da civilização industrial moderna. O desafio não é somente colocar em questão a necessidade do progresso científico e técnico e da elevação da produtividade do trabalho, mas é também reorientar o avanço de maneira a torná-lo compatível com a preservação do equilíbrio ecológico.

O sistema capitalista está constituído pela competição e fundado na corrida atrás do lucro rápido que é o destruidor dos equilíbrios naturais, deste modo, *não se trata de opor os “maus” capitalistas ecocidas aos “bons” capitalistas verdes.* (ibid. p.50, aspas no original). Pois, o capitalismo verde não passa de uma manigância, que visa uma iniciativa local equivalente a uma gota de água sobre o solo árido do deserto capitalista.

A grande contribuição da ecologia, como mostra Michael Lövi (ibid.) é fazer-nos adotar a consciência de que os perigos que ameaçam o planeta são em consequência do atual modo de produção e consumo. Ressalta ainda, que as ameaças crescentes de uma ruptura do equilíbrio ecológico configuram num cenário catastrófico e põe em questão a própria sobrevivência da vida humana.

Enfim, mesmo cientes do agravamento ambiental, a classe dominante, detentora do meio de produção, não encaminha soluções concretas para tamanha destruição e simplesmente se pauta na consciência ambiental como se esse problema se estancasse pela consciência e ação de cada indivíduo (PROTÁSIO, op.cit.).

4. Referencial Teórico-Metodológico e Procedimentos:

Para realização deste trabalho buscou-se estabelecer primordialmente que a análise se orientará na concepção do método do materialismo histórico-dialético, tal como formulado por Marx e Engels. Este apresenta uma proposta marcadamente crítica que

pretende revelar, mais que o conflito das interpretações, o conflito dos interesses. (GAMBOA, 2000).

Segundo Frigotto (2000), o método do materialismo histórico-dialético está vinculado a uma visão de mundo que antecede o método. É por isso que o autor (ibid.) destaca a necessidade de distinguir o materialismo histórico em três dimensões: enquanto postura ou concepção de mundo, enquanto um método e enquanto práxis.

Na perspectiva materialista histórica, segundo Frigotto (ibid.), a postura deve anteceder o método, pois se situa no plano da realidade histórica. Assim, a realidade objetiva se apresenta por meio de uma reflexão racional, a qual existe independentemente das idéias e do pensamento.

Enquanto método de investigação, Frigotto (ibid.) assinala que a perspectiva materialista histórica está vinculada a uma concepção de realidade, e romper com o modo de pensar da ideologia dominante torna-se condição necessária para instaurar um método dialético. O autor (ibid.) assinala que o primeiro aspecto a ser considerado para a compreensão do método é que a dialética é um atributo da realidade e não do pensamento.

Por último, a práxis, segundo Frigotto (ibid.), expressa a unidade indissolúvel de duas dimensões diferentes, diversas no processo de conhecimento, a teoria e a ação, no qual a reflexão teórica realiza-se em função da ação para transformar a realidade.

Com base nessas considerações, optou-se pela estratégia do estudo de caso, o qual limitou-se à análise dos impactos sócio-ambientais advindos da chegada das fábricas de papel e de celulose no município de Três Lagoas, etapa na qual busca-se levantar e analisar dados que nos auxiliem no conhecimento mais aprofundado, sobre a problemática dos impactos provocados pelas instalações das fábricas, e o quanto estes influenciaram a vida social, e econômica da comunidade local.

Para a coleta de dados, optou-se por informações de acesso público, por meio de publicações das empresas na *internet*, e de notícias publicadas nos seguintes jornais locais: Perfil News, Hoje MS e Jornal do Povo, especificamente os que circularam nos anos de 2007 e 2008. Esse recorte temporal é justificado pelo fato de ser o período da fase de construção das fábricas no município.

A coleta das informações nos jornais foi iniciada a partir do desenvolvimento das categorias de análise selecionadas para nos subsidiar na investigação. Foram adotadas, pois, as seguintes categorias: criminalidade, crescimento populacional, impacto ambiental, impacto econômico e empregabilidade, com as quais foi possível realizar uma sistematização dos impactos causados pela implantação das fábricas.

5. Progresso e desenvolvimento: a distância entre o discurso e a prática.

O processo de industrialização desencadeado pela chegada das fábricas de papel e de celulose na cidade de Três Lagoas fez com que a população presenciasse uma série de impactos sociais, ambientais e educacionais no município. Um fator importante a considerar é que as fábricas em questão possuem um quadro histórico com grande potencial poluidor, que se aliado à recente trajetória de impactos ambientais registrados no município nos leva a indagar sobre quais, afinal, são as garantias de que a história não irá se repetir no município.

De acordo com algumas pesquisas, o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC) constatou que as indústrias de papel e de celulose são um grande mal para o meio ambiente e para a sociedade. Nesses locais, a destruição ambiental e os transtornos sociais são imensos, contribuindo para uma péssima qualidade de vida de grande parte da população. (SERVIÇO..., 2009).

Outro impacto que se manifestou empiricamente, diz respeito ao impacto econômico, pois com o advento das fábricas, houve uma elevação expressiva no PIB do País, do Estado e do município. Os dados apresentados no quadro 1 são referentes ao impacto econômico estimados com a entrada em operação das fábricas.

Aumento do PIB do País	0,15%
Aumento do PIB do Estado	13%
Aumento do PIB do município	300%

Quadro 1: Projeção econômica do capital advindos por meio das fábricas

Fonte: AGEFLOR, 2008.

Com relação aos dados econômicos previstos, nota-se que a população criou expectativas de mudança significativas no orçamento do município. Porém, essas expectativas de crescimento econômico em grandes proporções, como demonstrou o quadro 1, buscou tão somente induzir a população a uma falsa impressão de que teriam algum benefício, quando, na realidade, pouco ou em nada dessa riqueza cogitou no progresso do nível econômico para a população local. Isso devido ao fato de que o processo de concentração de renda e os altos índices de desigualdades sociais continuaram

a prevalecer no município, demonstrando, conforme, salientado por Singer (2000), que a exclusão social é inerente ao capitalismo.

Vale ressaltar também que a chegada desses investimentos ocorreu antes mesmo de serem definidas ações para mitigar os efeitos negativos dos empreendimentos. A falta de planejamento adequado trouxe, junto com o almejado impacto econômico, uma série de riscos e problemas para a vida da população local.

A chegada das fábricas trouxe grandes contingentes populacionais para o município, mas, por se tratar de uma população flutuante, ou seja, que momentaneamente se instalou no município, o IBGE informou que ao realizar o cálculo da estimativa anual da população, previsto para começar em agosto de 2010, os números registrados nos anos considerados picos de construção das fábricas não seriam levados em conta na estimativa oficial populacional. (IBGE... 2009). Embora não se tenha oficialmente os dados que revelam esse crescimento, a evolução demográfica desencadeada pela chegada das fábricas atribuiu ao município inúmeros problemas sociais.

A procura expressiva pelas oportunidades de trabalho que concorreu para o crescimento populacional resultou em parte do discurso empresarial que, mesmo durante o processo de licenciamento das fábricas, já utilizava a geração de empregos como principal propaganda de marketing.

A expectativa pela inserção no mercado de trabalho responsável por atrair o fluxo migratório para o município era a mesma sentida pelos trabalhadores do município, que obviamente temiam perder a oportunidade de emprego diante da mão-de-obra em abundância que se formou rapidamente no município. Embora receosos, os trabalhadores locais buscavam respaldo na campanha publicitária divulgada no município, a qual enfatizava que o governo do Estado concedeu incentivos para as fábricas, exigindo em contrapartida que dois terços da mão-de-obra fossem local. (FALEIROS, 2008).

Cabe aqui ressaltar que, além dos trabalhadores temporários que chegaram ao município com o emprego já arranjado nas fábricas matrizes ou nas terceirizadas, Três Lagoas, como já citado, recebeu um grande contingente de trabalhadores vindo de várias partes do país.

Levando-se em conta que a sociedade capitalista, sobretudo a neoliberal, não projeta o pleno emprego para todos, a maior parte desses trabalhadores foi excluída do mercado de trabalho, passando a compor um exército industrial de reserva, que se manteve de plantão para suprir as necessidades do capital. Desempenhou, assim, conforme destaca

Singer (op. cit.) o mesmo papel que as mercadorias que sobram nas prateleiras, pois, involuntariamente, evitaram que os salários subissem.

Ao se depararem com a realidade do município, os trabalhadores perceberam que foram iludidos com falsas promessas de emprego e melhoria na condição de vida, quando na realidade se encontraram em condições precárias, principalmente no que diz respeito às condições de moradia. O repentino crescimento da cidade foi um dos fatores que contribuiu com essa situação de precariedade dos trabalhadores, o que ocasionou uma demanda desenfreada por imóveis no município. Analisar-se-á esse processo, considerando a categoria de especulação imobiliária, que elevou rapidamente os preços, especialmente no mercado imobiliário de locação.

O crescimento populacional motivou, por conseguinte, a elevação desenfreada dos valores cobrados pelos alugueis. Segundo um corretor de imóveis do município, uma casa que em média valia R\$ 1 mil, com o inchaço populacional e o aumento da demanda estava sendo alugada por R\$ 2.500. (VALOR..., 2008).

Com isso, a especulação imobiliária e a rápida expansão urbana fizeram com que o custo dos alugueis se tornasse inacessível à população de baixa renda, afetando, não somente os trabalhadores recém chegados em Três Lagoas, como também à população trabalhadora do próprio município.

Esses são apenas alguns dos impactos sociais com os quais o município passou a se deparar com o advento das fábricas. Por não possuir uma infra-estrutura adequada capaz de comportar tamanho empreendimento, o município apresentou uma total carência de serviços essenciais que atingiram a população local no seu cotidiano.

Outro impacto no âmbito social verificado foi o aumento da violência. Sistematizar-se-á esses impactos a partir da análise da categoria criminalidade. Segundo os dados da Delegacia Regional da Polícia Civil, (quadro 2) o índice de criminalidade na cidade de Três Lagoas apresentou os seguintes crescimentos semestrais.

	Janeiro a Julho 2007	Janeiro a Julho 2008	Janeiro a Julho 2009
Furto	840	1.454	1.179
Roubo	144	342	365
Homicídio	5	24	20

Quadro: Indicadores sociais de criminalidade Fonte: Delegacia Regional de Polícia.

Conforme percebido, o confronto dos dados sobre os indicadores sociais de criminalidade no município demonstram que o aumento vertiginoso desses índices tem uma relação direta com o período correspondente ao pico de construção das fábricas. Este fato revela, por sua vez, que o surto de crescimento demográfico vivenciado no município, pode ter contribuído para o aumento da violência. Isso fica evidente, quando observados os índices referentes ao primeiro semestre de 2007, no qual os indicadores de criminalidade mostraram-se muito mais amenos, fato que se justifica se levado em consideração que nesse período as fábricas não haviam inaugurado os canteiros de obras, de modo que o incremento populacional não havia ainda se efetivado.

6. Conclusão e próximos passos da pesquisa

Outra preocupação que vem à tona diante da gravidade dos impactos sócio-ambientais é os impactos educacionais provenientes da atuação das fábricas junto a programas educacionais aplicados no município.

Em fase inicial, encontra-se a análise do Programa Piloto, programa este que integra um conjunto de ações do Núcleo de Educação Ambiental (NEA), da fábrica de celulose, que visa à promoção de atividades voltadas para a conservação e preservação do meio ambiente com estudantes do município.

O objetivo da futura análise é levantar dados para interpretar de que maneira tem se dado a execução do Programa nas escolas do município, buscando compreender como os sujeitos percebem e se posicionam frente às ações do Projeto e se essa participação, nas atividades, tem produzido um conhecimento socialmente útil.

Pretende-se, no andamento da pesquisa, utilizar-se de análise documental, observação e entrevista semi-estruturada, a fim de colher depoimento junto aos representantes da empresa e estudantes da rede municipal de Três Lagoas, com o objetivo de avaliar a qualidade da Educação Ambiental praticada pela fábrica através do Programa Piloto.

Levando-se em consideração que esta fase da pesquisa se encontra em fase inicial, até o momento foi possível fazer um levantamento prévio da literatura sobre o tema. Tal levantamento permite concluir que sob a lógica de acumulação capitalista, as ações do programa em questão tendem a ficar restritas ao âmbito das ações superficiais que se dão

mais no plano da sensibilização do que no plano da reflexão crítica, ou seja, ações pautadas unicamente a mudanças de comportamento individual e não de valores da sociedade.

O discurso ideológico permeado de características de empresas capitalistas, carregados de promessas de crescimento econômico, geração de emprego, e consequentemente a elevação do padrão de vida da população contrasta, claramente, conforme foi possível observar com a situação real do município de Três Lagoas. Isto revela, por sua vez, que a incoerência entre o discurso e a prática tem deixado o município suscetível a danos prejudiciais e irreparáveis, por não considerar que discursos com falsas promessas são intrínsecos ao sistema capitalista.

Dessa forma, a urbanização acelerada desencadeada pela chegada das fábricas de papel e de celulose, a falta de medidas infra-estruturais, os possíveis impactos ambientais, bem como os impactos educacionais permite concluir que comprometem e poderão comprometer ainda mais a qualidade de vida, saúde, educação e bem estar da população local.

De acordo com os resultados apresentados, é possível afirmar que os impactos decorrentes da construção e início de operação das fábricas indicam que o município está provavelmente suscetível a impactos de grande magnitude, com conseqüências irreversíveis, que se estenderão muito além do município.

Diante da impossibilidade neste contexto de dissociar os impactos sócio-ambientais das ações educacionais que vêm sendo implementadas no município, este estudo servirá como partida para a análise e encaminhamentos do próximo passo da pesquisa.

Tal análise permite destacar imediata necessidade de ações educacionais com teor crítico. Por outro lado, é preciso investigar se a educação ambiental pretendida no município está ligada exclusivamente ao interesse mercadológico, como tentativa de compensar a imagem destrutiva que está associada ao produto das fábricas no município de Três Lagoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEFLOR. **Brasil construirá fábrica de papel e celulose sobre o rio Paraná**, 2008. Disponível em: <<http://www.ageflor.com.br/index2.php?p=productMore&iProduct=2824&PHPSESSID=e917ccf787b97f0f88f84e6ece01000a>>. Acesso em: 08 Mar. 2009.

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org). **Pós-neoliberalismo**. As políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: SP, 1999.

CAMPOS, Marília Menezes Freitas de. **Educação ambiental e paradigmas de interpretação da realidade: tendências reveladas**. 2000. Tese (Doutorado) p. 398 - Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, SP. [s/n], 2000

FALEIROS, Marina. Três Lagoas: após 20 anos, projeto ganha vida. **O papel**, [s/l], [s/v], [s/n], jun. 2008. Disponível em: <[http://www.sinpapel.com.br/\[...\]](http://www.sinpapel.com.br/[...])>. Acesso em: 29 ago. 2009.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: Materialismo e Natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio.. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 69-90.

_____. **Educação e a crise do capitalismo Real**. 5ª ed. São Paulo: Cortez 2003.

GAMBOA, Silvio Sanches Ancízar. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 91-115.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 9. ed. São Paulo: edições Loyola, 2000.

IBGE. Estimativa populacional é baseada em pesquisas. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 19 Ago. 2009. Disponível em: < http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=11993>. Acesso em: 07 Set. 2009.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200007&lng=pt>. Acesso em: 19 mai. 2009.

LIMA, Gustavo da Costa. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v.6, n.2, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2003000300007&lng=pt>. Acesso em: 19 mai. 2009.

LOMBARDI, Maria Rosa. Reestruturação produtiva e condições de trabalho: percepções dos trabalhadores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 18, n. 61, dez. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/.php?script=sci_arttext&PId=S0101-73301997000400004&lng=pt>. acessos em 19 maio 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação ambiental. **Educação em revista**, Curitiba, n. 27, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-4060200600010000&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 maio 2009.

_____. Pensamento crítico, tradição marxista e a questão ambiental. In: _____ (Org.). **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro, Quartet, 2007. p.13-67.

LOWY, Michael. **Ecologia e Socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 2º grau. São Paulo: Cortez, 1992.

MANFREDI, Silvia Maria. Trabalho, qualificação e competência profissional - das dimensões conceituais e políticas. **Educação & Sociedade**. Campinas, ano 19, n. 64, p. 13-49, set, 1998.

OLIVEIRA, Aline Cristina Calçada de. **Educação ambiental problematizadora e desenvolvimento sustentável: uma revisão crítica**. 2008. Dissertação (Mestrado) p. 117 – Fundação Universidade Federal do Rio Grande – Faculdade de Educação, Rio Grande, RS. [s/n], 2008.

PROTÁSIO, Alexandre Reinaldo. **O conceito de natureza em Gramsci: contribuições para a educação ambiental**. 2008. Dissertação (Mestrado). 192 f. – Fundação Universidade Federal do Rio Grande – Faculdade de educação, Rio Grande, RS. 2008.

RAGO, Luzia Margareth; MOREIRA, Eduardo F. P.. **O que é Taylorismo**. São Paulo: brasiliense, 1984.

RAMOS, Marise Nogueira. **A Pedagogia das Competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Análise sociológica da educação contemporânea**. 6.ed. S.L: Lamparina, 2007.

RODRIGUES, José. **O moderno príncipe industrial: o pensamento pedagógico da confederação nacional da indústria**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SERVIÇO: ambiente. **IDEC**. 2009. Disponível em: <<http://www.idec.org.br/revservicosambiente.asp>>. Acesso em: 25 Set. 2009.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

TREIN, Eunice. A contribuição do pensamento marxista à educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B. (org.). **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p.113-175.

VALOR dos aluguéis irá normalizar alerta empresário. **Perfil News**. Três Lagoas, 25 Nov. 2008. Disponível em: < <http://www.perfilnews.com.br/noticias/?id=167158> >. Acesso em: 05 Nov. 2009.